

## SETEMBRO DE 2003

Alice sentou-se a escrivaninha no quarto do casal, distraída pelos sons de John correndo por todos os cômodos do térreo. Ela precisava terminar sua revisão paritária de um artigo submetido ao *Journal of Cognitive Psychology* antes de pegar o avião, e acabara de ler a mesma frase três vezes, sem compreendê-la. Eram 7h30, de acordo com o despertador, que ela calculou estar uns dez minutos adiantado. Pelo horário aproximado e pelo volume crescente da correria de John, Alice sabia que ele estava tentando sair, mas havia esquecido alguma coisa e não conseguia encontrá-la. Deu batidinhas com a caneta vermelha no lábio inferior enquanto observava o mostrador digital do relógio, à escuta do que sabia que iria acontecer.

— Ali?

Jogou a caneta na escrivaninha e deu um suspiro. No térreo, encontrou-o de joelhos na sala de estar, tateando em busca de alguma coisa sob as almofadas do sofá.

— Chaves? — perguntou ela.

— Óculos. Por favor, nada de sermão, estou atrasado.

Alice acompanhou a olhadela frenética do marido para o console da lareira, onde o antigo relógio Waltham, famoso por sua precisão, declarava serem 8h. John já deveria saber que não convinha confiar nele. Os relógios da casa raramente sabiam a hora certa. No passado, Alice fora enganada muitas vezes por seus mostradores aparentemente honestos, e aprendera desde longa data a confiar somente em seu relógio de pulso. E, dito e feito, recuou no tempo ao entrar na cozinha, onde o micro-ondas insistia em que eram apenas 6h52.

Deu uma olhada pela superfície lisa e desobstruída da bancada de granito e lá estavam eles, junto à tigela funda em formato de cogumelo, repleta de correspondência não aberta. Os óculos não estavam embaixo ou atrás de algo, nem escondidos de alguma forma, e sim plenamente à vista. Como é que ele, um homem tão inteligente, um cientista, podia não enxergar o que estava bem diante dos olhos?

É claro, muitos objetos da própria Alice também tinham dado para se esconder em lugarezinhas irritantes, mas isso ela não admitia para John, e tampouco o envolvia na caçada. Ainda um dia desses, felizmente sem o conhecimento do marido, ela passara uma manhã enlouquecida, primeiro procurando pela casa toda, depois no escritório, o carregador de seu BlackBerry. Perplexa, rendera-se e comprara outro numa loja, e qual não fora sua surpresa ao descobrir à noite que ele estava ligado na tomada junto ao seu lado da cama, onde deveria tê-lo procurado. Provavelmente, Alice poderia atribuir esses episódios, no caso de ambos, ao excesso de tarefas simultâneas e ao fato de andarem ocupados demais. E de estarem envelhecendo.

John parou no vão da porta, olhando para os óculos na mão da esposa, mas não para ela.

— Da próxima vez, tente imaginar que você é mulher quando for procurar — disse Alice, sorrindo.

— Usarei uma das suas saias. Por favor, Ali, estou atrasado mesmo.

— O micro-ondas diz que você tem tempo de sobra — respondeu ela, entregando-lhe os óculos.

— Obrigado.

John pegou-os como se fosse um corredor de revezamento recebendo o bastão numa corrida e se encaminhou para a porta da frente.

— Você vai estar em casa quando eu voltar, no sábado? — perguntou ela às costas do marido, seguindo-o pelo corredor.

— Não sei, sábado vai ser um dia cheio lá no laboratório.

John pegou a maleta, o celular e as chaves na mesa do vestíbulo.

— Faça boa viagem e dê um abraço e um beijo na Lydia por mim — disse ele. — E procure não entrar em guerra com ela.

Alice captou o reflexo dos dois no espelho do corredor — um homem alto, de aparência distinta, com o cabelo castanho salpicado de fios grisalhos e usando óculos, e uma mulher miúda de cabelo cacheado e braços cruzados, ambos se preparando para mergulhar na mesma discussão sem fim. Trincou os dentes e engoliu em seco, preferindo não entrar na briga.

— Já faz tempo que não ficamos juntos... Volte pra casa logo, sim?

— Eu sei. Vou tentar.

John a beijou e, embora estivesse desesperado para sair, prolongou esse beijo por alguns segundos quase imperceptíveis. Se não o conhecesse tão bem, Alice poderia ter romanceado a carícia. Poderia ter ficado ali, esperançosa, achando que o beijo significava “Eu a amo, vou sentir saudade”. Mas, ao ver o marido apressar-se rua afora, sozinho, teve bastante certeza de que ele acabara de lhe dizer: “Amo você, mas, por favor, não fique fula da vida quando eu não estiver em casa no sábado.”

Nos velhos tempos, toda manhã os dois tinham o hábito de caminhar juntos até o parque de Harvard. Dentre as muitas coisas que Alice adorava no fato de trabalharem a menos de um quilômetro de casa e na mesma universidade, essa ida e volta em comum era aquilo de que mais gostava. O casal sempre fazia uma parada no Jerri’s — um café preto para ele, um chá com limão para ela, gelado ou quente, dependendo da estação — e seguia para a praça Harvard, conversando sobre suas pesquisas e suas turmas, os problemas de seus respectivos departamentos, os filhos ou os programas para a noite. Quando recém-casados, até andavam de mãos dadas. Alice saboreava a intimidade descontraída daquelas caminhadas matinais com o marido, antes que as exigências diárias de seus respectivos cargos e ambições os deixassem tensos e exaustos.

Agora, no entanto, fazia algum tempo que iam separados para Harvard.

Alice passara o verão inteiro vivendo do que carregava na mala, indo a conferências sobre psicologia em Roma, Nova Orleans e Miami e participando da banca examinadora de uma defesa de tese em Princeton. Na primavera, as culturas celulares de John haviam requerido uma atenção especial num horário absurdo, todas as manhãs, mas ele não confiava no comparecimento regular de nenhum de seus alunos. Assim, ia pessoalmente. Alice não se lembrava de quais tinham sido as razões anteriores à primavera, mas sabia que, em todas as ocasiões, elas haviam parecido sensatas e apenas temporárias.

Voltou para o artigo na escrivania, ainda distraída, agora ansiando pela briga que não tivera com John por causa da filha caçula, Lydia. Será que ele

morreria se a apoiasse, uma vez na vida? Alice dedicou um esforço superficial ao resto do artigo, em vez do seu padrão típico de excelência, mas isso teria que bastar, dados o seu estado mental fragmentado e a sua falta de tempo. Terminados os comentários e sugestões para a revisão, ela pôs o artigo num envelope e o lacrou, cônica, com um sentimento de culpa, de talvez ter deixado escapar algum erro na concepção ou na interpretação do estudo, e xingando John por ter comprometido a integridade de seu trabalho.

Refez a mala, que ainda nem fora esvaziada desde a viagem anterior. Aguardava com ansiedade poder reduzir o número de viagens nos meses seguintes. Havia apenas um punhado de convites para palestras, assinalados a lápis em sua agenda do semestre de outono, e ela havia marcado a maioria para as sextas-feiras, dia em que não dava aulas. Como o dia seguinte. No dia seguinte, seria a oradora convidada para dar início à série de colóquios de outono sobre psicologia cognitiva em Stanford. E depois disso, visitaria Lydia. Tentaria não entrar em guerra com ela, mas não garantia nada.

Encontrou sem dificuldade o caminho para o salão Cordura, em Stanford, na esquina da alameda Oeste do campus com a alameda Panamá. Para seus olhos da Costa Leste, o exterior de concreto e estuque branco, o telhado de terracota e a vegetação exuberante mais pareciam um *resort* numa praia do Caribe do que um prédio acadêmico. Alice chegou adiantada, mas se aventurou a entrar assim mesmo, calculando que poderia aproveitar o tempo extra para se sentar no auditório silencioso e dar uma espiada em seu discurso.

Para sua grande surpresa, entrou num salão já lotado. Uma multidão entusiasmada se aglomerava ao redor de uma mesa de bufê, atacando a comida como gaivotas numa praia de cidade grande. Antes que conseguisse entrar discretamente, ela deparou com Josh, um ex-colega de turma de Harvard e um respeitável egomaniaco, parado em seu caminho, com as pernas firmemente plantadas e um pouco afastadas demais, como se estivesse pronto para pular em cima dela.

— Tudo isso aí é para mim? — perguntou Alice, com um sorriso brincalhão.

— Que nada, nós comemos assim todo dia. É para um dos nossos psicólogos do desenvolvimento, que assumiu o cargo de titular ontem. E Harvard, como está tratando você?

— Bem.

— Nem acredito que você ainda está lá, depois desses anos todos. Se um dia ficar muito entediada por aquelas bandas, deve pensar em vir para cá.

— Pode deixar que eu aviso. E como vão as coisas com você?

— Fantásticas. Você precisa dar uma passada no meu gabinete depois da palestra, para ver os últimos dados que usamos como modelo. Vão deixá-la de queixo caído.

— Lamento, mas não posso. Tenho que pegar um voo para Los Angeles logo depois daqui — disse ela, grata por dispor de uma desculpa pronta.

— Ah, que pena. A última vez que a vi foi no ano passado, eu acho, na Conferência de Psiconomia. Infelizmente, perdi a sua apresentação.

— Bem, você vai ouvir boa parte dela hoje.

— Anda reciclando as suas palestras, é?

Antes que Alice pudesse responder, Gordon Miller, o chefe do departamento e seu novo herói, surgiu num voo rasante e a salvou, pedindo a Josh que ajudasse a servir o champanhe. Tal como em Harvard, o brinde com champanhe era uma tradição no Departamento de Psicologia de Stanford para todos os membros docentes que alcançavam o cobiçado marco profissional de se tornarem titulares da cátedra. Não havia muitas trombetas para anunciar o avanço de um ponto para outro na carreira de um professor, mas tornar-se catedrático era uma grande trombeta, alta e clara.

Quando todos já seguravam suas taças, Gordon subiu à tribuna e deu uma batidinha no microfone.

— Posso pedir a atenção de todos por um minuto?

A risada de Josh, excessivamente alta e entrecortada, reverberou sozinha pelo auditório antes de Gordon prosseguir:

— Hoje damos os parabéns ao Mark por ter-se tornado titular. Tenho certeza de que ele está radiante por ter conquistado mais essa etapa. Um brinde às muitas realizações empolgantes que ainda estão por vir. AoMark!

— Ao Mark!

Alice tocou sua taça nas dos vizinhos e todos recomeçaram prontamente a beber, comer e conversar. Liquidada toda a comida das bandejas e esvaziadas as últimas gotas de champanhe da última garrafa, Gordon tornou a pedir a palavra.

— Se todos fizerem a gentileza de se sentar, poderemos dar início à palestra de hoje.

Esperou alguns instantes para que a plateia de umas setenta e cinco pessoas se acomodasse e fizesse silêncio.

— Hoje eu tenho a honra de lhes apresentar nossa primeira oradora do colóquio deste ano. A dra. Alice Howland é a ilustre titular da cátedra William James de psicologia da Universidade Harvard. Nos últimos vinte e cinco anos, sua carreira eminente produziu muitos dos principais cânones da psicolinguística. Ela foi pioneira e continua a liderar uma abordagem multidisciplinar e integrada do estudo dos mecanismos da linguagem. É um privilégio para nós contar com sua presença aqui, hoje, para nos falar da organização conceitual e neural da linguagem.

Alice trocou de lugar com Gordon e fitou a plateia que a olhava. Enquanto esperava o término dos aplausos, pensou na estatística que dizia que as pessoas tinham mais medo de falar em público que da morte. Mas ela adorava fazê-lo. Comprazia-se com todos os momentos concatenados da exposição diante de uma plateia atenta — ensinar, encenar, contar uma história, dar início a um debate acalorado. Também gostava da carga de adrenalina. Quanto maior o risco, quanto mais sofisticada ou hostil era a plateia, mais ela vibrava com toda a experiência. John era um orador excelente, mas era comum ele vivenciar o sofrimento e o pavor de discursar, e ficava maravilhado com a verve de Alice. Era provável que ele não preferisse a morte, mas aranhas e cobras, com certeza.

— Obrigada, Gordon. Hoje pretendo falar de alguns processos mentais subjacentes à aquisição, à organização e ao uso da linguagem.

Alice já apresentara o grosso dessa palestra específica inúmeras vezes, mas não chamaria isso de reciclagem. A essência do texto concentrava-se nos preceitos fundamentais da linguística, muitos dos quais ela havia descoberto, e

fazia anos que usava quase os mesmos *slides*. Mas se sentia orgulhosa, e não envergonhada ou preguiçosa, pelo fato de essa parte de sua palestra, essas descobertas suas, continuarem válidas, resistindo à prova do tempo. Suas contribuições eram importantes e impulsionavam descobertas futuras. Além disso, ela certamente participava dessas descobertas futuras.

Falou sem precisar consultar suas anotações, descontraída e animada, enunciando as palavras sem esforço. E então, decorridos cerca de quarenta minutos da apresentação programada para cinquenta, embatucou de repente.

— Os dados revelam que os verbos irregulares requerem o acesso ao... ao...

Simplesmente não conseguiu encontrar a palavra. Tinha uma vaga idéia do que queria dizer, mas a palavra em si lhe escapou. Sumiu. Alice não saberia dizer qual era a primeira letra, ou que som tinha a palavra, ou de quantas sílabas se compunha. Não a tinha na ponta da língua.

Talvez tivesse sido o champanhe. Normalmente, ela não tomava nenhuma bebida alcoólica antes de se apresentar. Mesmo conhecendo a palestra de cor, mesmo nos ambientes mais informais, sempre queria estar com a mente tão afiada quanto possível, sobretudo para a sessão de perguntas e respostas do final, que podia ter um caráter de confronto e ser repleta de debates enriquecedores e não ensaiados. Mas ela não quisera ofender ninguém, e era provável que tivesse bebido um pouquinho além do que devia, ao se ver novamente apanhada numa conversa passivoagressiva com Josh.

Talvez fosse a diferença de fuso horário. Enquanto vasculhava os cantos da mente em busca da palavra que escapara e de uma explicação racional para ela a haver perdido, seu coração se acelerou e o rosto ficou quente. Era a primeira vez que uma palavra lhe fugia na frente de uma plateia. Mas Alice também nunca havia entrado em pânico defronte de uma plateia, e já estivera diante de várias muito maiores e mais intimidantes do que essa. Assim, disse a si mesma para respirar fundo, esquecer o assunto e ir em frente.

Substituiu a palavra ainda bloqueada por um “negócio” vago e impróprio, abandonou qualquer ideia que estivesse pretendendo frisar e prosseguiu, passando para o *slide* seguinte. A pausa lhe parecera uma eternidade óbvia e embaraçosa, mas, ao examinar os rostos da plateia, para ver se alguém havia detectado seu engasgo mental, ela percebeu que ninguém parecia espantado, constrangido nem perturbado em nenhum sentido. E então, viu Josh cochichando alguma coisa com a mulher a seu lado, com o cenho franzido e um leve sorriso no rosto.